

INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL NA ESCRITA

Lucélia Lopes Nobre (Autora)
Teresinha de Oliveira Fávero¹ (Orientadora)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é abordar a influência da linguagem oral nos textos escritos pelos alunos na sala de aula. Serão analisados alguns textos de alunos do quinto ano do Ensino Fundamental. Também serão sugeridas algumas atividades para que os alunos percebam a diferença entre língua falada e escrita. É de suma importância que o professor de hoje em dia trabalhe as variedades linguísticas dentro de sala de aula e que contemple os tipos de linguagem que se deve utilizar em cada situação. Além de tornar o aluno um ser mais crítico em relação à sua língua, pois o fará menos preconceituoso, também o ajudará a escrever melhor, identificando cada situação e sabendo como deve proceder.

Palavras-chave: Oralidade, Fala, Escrita

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo demonstrar como a língua oral influencia a língua escrita no aprendizado da Língua Portuguesa através de redações escritas por alunos do quinto ano do Ensino Fundamental que serão objeto de análise nesta pesquisa. Esse tipo de problema, quando não corrigido durante o Ensino Fundamental, muitas vezes chega até o Ensino Médio; em outras, acompanha o indivíduo pelo resto da vida.

Os alunos produtores de textos na escola são crianças e jovens que trazem uma linguagem própria peculiar a seu grupo social e que instintivamente a reproduzem de forma escrita sem perceber que deve haver uma adaptação da língua oral para a escrita de acordo com o gênero textual que pretendem no momento em que redigem seus textos.

Isso é um fato comum aos alunos que não entendem essa diferença entre fala e escrita. Sabe-se que, historicamente, a fala antecede e muito à escrita. Todos os povos possuem uma tradição oral como seu meio de comunicação, que evoluiu no decorrer dos séculos, mas nem todos usam a escrita.

Também se sabe que o surgimento da escrita foi posterior ao surgimento da fala. No entanto, a escrita foi ganhando uma importância superior à fala por se caracterizar como um

¹ Professor da 5ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

bem social indispensável, símbolo de educação, desenvolvimento e poder das grandes nações, mais prestigiado, portanto.

Por causa disso, no sistema de ensino escolar, a linguagem oral é pouco trabalhada e muitas vezes não é nem desenvolvida em sala de aula. Muitos professores consideram como erro quando os alunos redigem textos e utilizam a língua oral. Entretanto, o que deve ser feito, antes de condenar, é verificar primeiro o gênero do texto em questão, pois há diferenças no nível de linguagem exigido em cada gênero textual solicitado. Os professores esquecem que seus alunos possuem uma linguagem bastante desenvolvida em seu meio social (casa, amigos,...) e que esta linguagem não é errada, pois conseguem se comunicar, entender e se fazer entendidos por outras pessoas de seu meio. Por isso, entende-se que a oralidade faz parte de nosso dia a dia em todos os momentos da prática discursiva e é facilmente percebida na escrita de inúmeras pessoas.

Portanto, este texto vai tratar de um assunto que se considera importante, pois, dependendo do gênero que se pretende no texto escrito, deverá ser usada uma variante mais ou menos formal da língua escrita. E os professores, mais do que ninguém, devem estar conscientes disso.

2 A FALA E A ESCRITA

O ser humano, como ser social, necessita interagir para sobreviver com o meio que o rodeia e com os outros seres humanos. Para isso faz uso de um dom que lhe é inato: a capacidade de se expressar através da linguagem. Através da linguagem, o homem organiza seus pensamentos, seu mundo interior, suas crenças, que podem ser exteriorizadas através da língua oral ou escrita.

Fala e escrita possuem características diferentes, próprias; apesar de utilizarem o mesmo sistema lingüístico, não podem ser vistas de forma dicotômica. Os diversos tipos de práticas sociais de produção textual vêm se situando no decorrer de um contínuo tipológico onde estão, de um lado, a escrita formal e, de outro lado, a conversação informal, coloquial.

Deve-se fundamentar o estudo da fala e da escrita não de forma estanque sobre conceitos abstratos, e sim através da modalidade de uso em que elas se inserem.

Marcuschi (2005, p.17) afirma que, sob o ponto de vista central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. Porém, o autor adverte que a oralidade não é superior à escrita e fala ainda sobre o conceito errôneo de que a escrita é derivada da fala.

A escrita não pode ser vista como uma representação da fala pelo fato de não conseguir reproduzir todos os sons dessa. Os variados fenômenos da oralidade, como a prosódia, os muitos movimentos que fazemos com o corpo e com os olhos, os gestos que utilizamos numa determinada conversação, auxiliam na construção do sentido por parte do interlocutor.

No entanto, a escrita apresenta características próprias que não se encontram na fala, como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos que funcionam como gestos e mímica graficamente representados.

Percebe-se que oralidade e escrita são práticas e usos da língua que utilizam o mesmo sistema lingüístico. As duas modalidades permitem a construção de textos coesos e coerentes, permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas sociais, dialetais, entre outras. Cronologicamente, sabe-se que a oralidade possui uma primazia sobre a escrita, pois todos os povos possuem uma tradição oral; no entanto, poucos tiveram ou têm uma tradição escrita.

Com a invenção do alfabeto pelos fenícios e a evolução da escrita através dos tempos, acabou-se por dar mais importância à escrita do que à fala, pois a escrita tornou-se sinônimo de poder e conquista das grandes nações que impunham ao povo conquistado sua língua e cultura, proibindo-os de se comunicar em sua língua materna.

A escrita e a fala, como práticas sociais, determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e do letramento dentro de uma sociedade. Essa relação é determinada por um contínuo sócio-histórico de práticas traduzidas através de uma gradação ou mesclagem.

Segundo Marcuschi (2005, p. 18), o estudioso Heath (1983) mostrou, no estudo sobre eventos de letramento, que havia situações em que se mesclavam ações orais com atividades escritas, como nas leituras e respostas coletivas de cartas pessoais em família. As cartas eram lidas em voz alta, discutidas em grupo e respondidas coletivamente. A escrita tornava-se aqui um evento mesclado pela oralidade e produzido em autoria coletiva. Essa visão etnográfica das práticas de letramento mostra a inviabilidade de imaginar a escrita como um fenômeno monolítico em suas formas de manifestação.

Exemplo disso, são as comunicações escritas pela internet em tempo real nos chats, bate-papos, web conferências, etc. Elas apresentam uma comunicação que mescla a oralidade e a escrita, constituindo-se como um texto misto por utilizar expressões da fala e da escrita, pois nelas escreve-se como se fala, usa-se *emoticons* para expressar sentimentos e emoções, a

prosódia é representada através de palavras escritas como a entonação da voz com vogais repetidas propositalmente.

Este escrever, nesse contexto, denomina-se “teclar”. Escrever pelo computador sincronicamente, on-line, é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita.

A fala, enquanto manifestação da prática social, é adquirida naturalmente no convívio diário com outros falantes da língua, desde o instante em que a mãe dá o primeiro sorriso para o bebê. Como já foi mencionado, a fala é natural ao ser humano, que já vem com uma disposição biogenética para o aprendizado e uso da língua materna. É o modo como o indivíduo se insere em um determinado meio social, econômico e cultural.

Por outro lado, a escrita, como manifestação formal do letramento, é adquirida no âmbito formal da escola, onde, por volta dos seis ou sete anos, a criança começa a aprender a se comunicar através da língua padrão escrita. Decorre disso a língua escrita ter um status superior à língua oral por ser ensinada num contexto formal, em que a língua escrita é privilegiada diante da língua oral, que quase não é trabalhada na escola. Grande parte dos professores corrige como erro a utilização da língua oral na escrita de textos pelos alunos que escrevem conforme falam.

2.1 Diferenças entre fala e escrita

É Marcuschi, (apud KOCH 2005), quem afirma que as diferenças entre fala e escrita se dão dentro *do continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos.

Os vários autores que tratam do assunto às vezes apresentam abordagens e posições diferentes: Koch & Oesterreich sugerem a utilização, além do critério do *médium*, oral ou escrito, do critério da proximidade/distância (física, social, etc.); Chafe (1982, 1985) leva em conta o envolvimento maior ou menor dos interlocutores; Halliday afirma que, enquanto o texto escrito possui maior densidade lexical, o texto falado possui maior complexidade sintática. Percebe-se que fala e escrita apresentam tipos de complexidades diferentes.

Na realidade, há textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos à fala conversacional, como os bilhetes, cartas familiares, etc. Ao passo que existem textos falados que são mais próximos da escrita formal, como conferências, entrevistas profissionais e outros.

Com base nessas visões que foram estabelecidas inicialmente, as diferenças entre fala e escrita podem ser assim esquematizadas:

Tabela 1: Diferenças entre Fala e Escrita

| Fala | Escrita |
|--|--|
| Contextualizada | Descontextualizada |
| Implícita | Explícita |
| Redundante | Condensada |
| Não-planejada | Planejada |
| Predominância do ‘modus pragmático’ | Predominância do “modus sintático” |
| Fragmentada | Não fragmentada |
| Incompleta | Completa |
| Pouco elaborada | Elaborada |
| Pouca densidade informacional | Densidade informacional |
| Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas | Predominância de frases completas com subordinação abundante |
| Pequena frequência de passivas | Emprego frequente de passivas |
| Pouca nominalização | Abundância de nominalizações |
| Menor densidade lexical | Maior densidade lexical |

(KOCH,2005,p.78)

No entanto, verdadeiramente, o que ocorre é que essas características não são exclusivas de uma ou outra das duas modalidades, pois o gênero do texto analisado é que exige e/ou permite o intercâmbio entre as duas modalidades. Mas tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetros o ideal da escrita (isto é, costuma-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita), levando a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem nenhum planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou das crianças em fase de aquisição.

A fala possui ainda características próprias, algumas apresentadas abaixo (cf., por exemplo, Koch,1992; Koch et al., 1990):

1. é relativamente não planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional; isto é, ela necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo “ lance” do jogo da linguagem;
2. o texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, “a pôr a nu” o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece como texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções, etc, no texto falado, planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é seu próprio rascunho;
3. o fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância;
4. o texto falado apresenta, pois, uma sintaxe característica, sem contudo deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua;
5. a escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto, dinâmica.

Halliday (1985, p.74) capta bem essa diferença utilizando a metáfora do quadro e do filme.

Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página- por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele **acontece**, viajando através do ar – por trás dele é como se não existisse um quadro, mas um filme. (apud KOCH, 2005, p.80)

Não resta dúvidas de que há enormes diferenças entre uma conversa entre amigos e um artigo científico acadêmico; pode-se afirmar que há usos de fala próprios da modalidade oral e textos escritos próprios da modalidade escrita. Por outro lado, há diferenças entre os diversos tipos de textos orais, por exemplo um diálogo entre família, um telefonema, uma conferência, uma entrevista jornalística, um julgamento, etc; ou entre textos escritos como um bilhete, uma peça de teatro, uma receita.

Entretanto, há textos falados que apresentam características da modalidade escrita, por exemplo uma conferência acadêmica. E também há textos escritos, como uma carta, que apresentam características da modalidade oral. Com isso, vê-se que existem escalas de variação que podem ocorrer no nível de cada modalidade oral ou escrita e dentro de uma modalidade como no caso das narrativas orais.

Contudo, pode-se afirmar que nem a fala, nem a escrita são fenômenos estanques, funcionam como dimensões contínuas de variação que denunciam, ao longo de polos distintos, estilos, registros, gêneros e tipos de textos diferentes, sendo, por isso, de difícil sistematização.

Concluindo, o fenômeno da variação linguística é muito complexo para ser analisado unidimensionalmente. Não há entre a linguagem oral ou escrita uma simples dicotomia. Experiências de linguagem oral ou escritas podem ser similares ou diferentes dependendo do tipo de atividade discursiva.

3. A LÍNGUA E OS GÊNEROS TEXTUAIS

A língua é uma forma de conhecimento, de expressão e de compreensão, mas não existe por si só como um objeto de culto e adoração, como em um passado não tão distante e nem mesmo como uma simples estrutura – um sistema de signos como o aprendido no contexto de certa tradição estruturalista. Dizer que uma pessoa conhece a língua é afirmar que esta pessoa é capaz de construir textos e compreendê-los nessa língua.

Por isso, todo processo de ensino-aprendizagem deve se estruturar no ensinar-aprender a lidar com textos, produzindo-os, dando-lhes sentido, observando como estão construídos e refletindo sobre esta construção. E a escola tem obrigação de saber disso.

A língua só é aprendida quando lidamos com textos em situações de uso, tornando-os mais complexos, incorporando sutilezas. Esse conhecimento embasa os novos textos que construímos. Com efeito, o conhecimento da língua é algo cumulativo, que se expande à medida que o objeto em que ela se corporifica- os textos- se multiplica e se diversifica. Entretanto, conforme a citação abaixo, essa tarefa não deveria ser apenas para o professor de Língua Portuguesa:

Mas hoje se fortalece nos meios escolares e acadêmicos a convicção de que a tarefa de desenvolver as habilidades de leitura e expressão não depende só dos professores formados nos cursos de Letras, por mais que, em virtude da formação teórica que recebem, caiba a eles a parte mais substancial desse trabalho. (NEVES apud PAULIUKONIS e GAVAZZI, 2005, p. 37).

Deve-se refletir sobre esse ponto, pois a leitura e a expressão são habilidades que embasam e permeiam a construção do conhecimento em todas as áreas do saber. Filósofos, matemáticos, historiadores, biólogos, arquitetos, políticos, economistas, contistas, esportistas e profissionais de diversas áreas do conhecimento, só se destacaram/ou destacam em suas

áreas e desfrutaram/ou desfrutam de prestígio na sociedade porque foram/ou são e estavam/ou estão preparados para expressar o seu conhecimento ou saber com grande desenvoltura, clareza e propriedade verbal.

O primeiro e mais importante objetivo da escola é preparar o aluno para expressar-se oralmente e por escrito e para compreender adequadamente o que ouve e lê. Através dos textos é que nos comunicamos e somos capazes de compreender o que os outros nos comunicam. Essa aprendizagem envolve saberes e/ou habilidades relativas aos conteúdos de nossos textos e as formas que lhes damos. Porém forma e conteúdo não são independentes, pois todo e qualquer conteúdo só é acessível por meio da forma que lhe dá corpo. Portanto, não há forma boa se o conteúdo for ruim e vice-versa.

A aprendizagem e o ensino da língua é, portanto, o ensino dos modos pelos quais os conteúdos ganham forma no texto, seja esse uma ode de Camões, um conto de Guimarães Rosa, um discurso de posse, uma página de horóscopo, um relatório, um capítulo de novela ou um simples bilhete.

Durante as aulas de Português, esses textos são utilizados, principalmente, em função do gênero a que pertencem e de sua estruturação interna quanto a parágrafos, períodos, seleção lexical e ordem e meios de combinação entre as palavras. Contrariamente, nas aulas de outras disciplinas, os textos são utilizados como meio de passar informações conteudistas aos alunos, sem esses professores se preocuparem com as formas pelas quais os conteúdos são construídos (as marcas que identificam o ponto de vista do autor, que geralmente está relacionado com sua identidade social, as formas de modalização, as estratégias de defesa de uma opinião ou tese...) para que os alunos sejam habilitados para o maior proveito possível da leitura na observação e aquisição dos procedimentos de textualização. O que torna imprescindível que, em qualquer área de conhecimento, os professores orientem seus alunos na leitura, comentem o vocabulário próprio dessa área, analisem os procedimentos com que o autor do texto sustenta um ponto de vista ou assegura legitimidade às informações que difunde. Um texto pode ser estruturado de diversas formas que são secundárias diante do seu sentido pois é este que nos orienta e nos situa em uma circunstância qualquer. Azeredo (2005, p. 39) faz uma afirmação interessante nesse sentido:

Agora quero mostrar que uma coisa não é mais importante que a outra. Qual o sentido que atribuímos ao seguinte enunciado, hoje comum na entrada de prédios públicos e comerciais: “Sorri. Você está sendo filmado”? Compare-o com este outro, que tem o mesmo objetivo: “Cuidado; estamos de olho em você.” Dão o mesmo recado, mas só o segundo ofende. Essa diferença está na forma.

Em nosso meio social, redigimos em linguagem escrita formal convites para cerimônias de casamentos, teses, discursos e muitos outros que são impressos conforme normas já pré-estabelecidas.

Muitas pessoas não se sentem prestigiadas se receberem um convite para algum evento se for por um telefonema ou numa conversa em um encontro casual, não o valorizam quando o comunicado for feito oralmente.

Por isso percebe-se que a forma do texto é decisiva para o sentido que lhe atribuímos. Os diferentes tipos de textos existem para os utilizarmos de acordo com as intenções e finalidades de nossos atos comunicativos, sejam eles orais ou escritos, pois um mesmo acontecimento pode ser comunicado de diferentes formas textuais através de uma crônica, um debate, um telefonema, uma reportagem.

3.1 O uso da língua nos gêneros textuais

O uso da palavra em qualquer situação que desempenhamos no meio social - seja familiar, profissional ou acadêmico - reflete o papel social que assumimos, consciente ou inconscientemente no relacionamento com o outro. Uma entrevista e um bate-papo são práticas sociais que têm em comum o contato entre pessoas que assumem os papéis de falante e ouvinte.

O bate-papo se caracteriza por ser um diálogo espontâneo e informal sem regras a seguir, centra-se no encontro dos participantes, mais do que no assunto. Já uma entrevista caracteriza-se por uma maior formalidade, privilegia o assunto, a conversa é dirigida para um determinado fim. Mas pode também transformar-se numa conversa informal. Essa situação é imprescindível em muitas práticas sociais e lhes dá uma dinâmica que desfaz as barreiras entre as situações e os respectivos papéis.

Os gêneros textuais, (cartas, bulas de remédio, manual de instruções, sermões, discursos, crônicas, reportagens, atas, conferências, receitas, etc.) e são apenas os meios apropriados às nossas intenções e finalidades comunicativas segundo as variadas práticas sociais do ponto de vista de quem fala ou escreve, são expressões de papéis sociais aos quais dão legitimidade, ao ponto de vista do ouvinte ou leitor.

Conforme Azeredo (2005, p. 40), “Gêneros textuais são portanto as formas relativamente estáveis pelas quais a comunicação verbal se materializa nas diferentes práticas sociais.”

Há gêneros textuais que são convencionados para determinadas práticas sociais não podendo ser escolhido outro gênero para aquela prática, como as bulas de remédio, atas, requerimentos, que são obrigatórios nessas práticas.

A enorme diversidade de atos comunicativos verbais entre as pessoas exige uma grande variedade de gêneros textuais. Como exemplo disso, temos o jornal, onde encontramos diversos gêneros: classificados, horóscopo, receitas, crônicas, comunicados de nascimentos e falecimentos, editoriais, piadas, charges, reportagens em geral, etc. Alguns desses seguem padrões rígidos, como as receitas culinárias, os anúncios e os convites fúnebres e de nascimento. Outros seguem padrões mais flexíveis, como os textos publicitários.

Como diz Azeredo (ibidem): “A linguagem existe para a expressão do pensamento e não para aprisioná-lo em formas.”; porém, é necessário que haja uma certa organização para que o ato comunicativo seja realizado; é por isso que existem os gêneros textuais pois o conhecimento efetivo de uma língua compreende o uso que fazemos dela. O domínio dos recursos de interligação das informações e idéias no interior do texto, a escolha vocabular adequada, o domínio dos aspectos gramaticais da língua e o emprego dos sinais de pontuação pertinentes só são adquiridos como habilidades através dos textos vistos como gêneros integrados em diferentes práticas sociais.

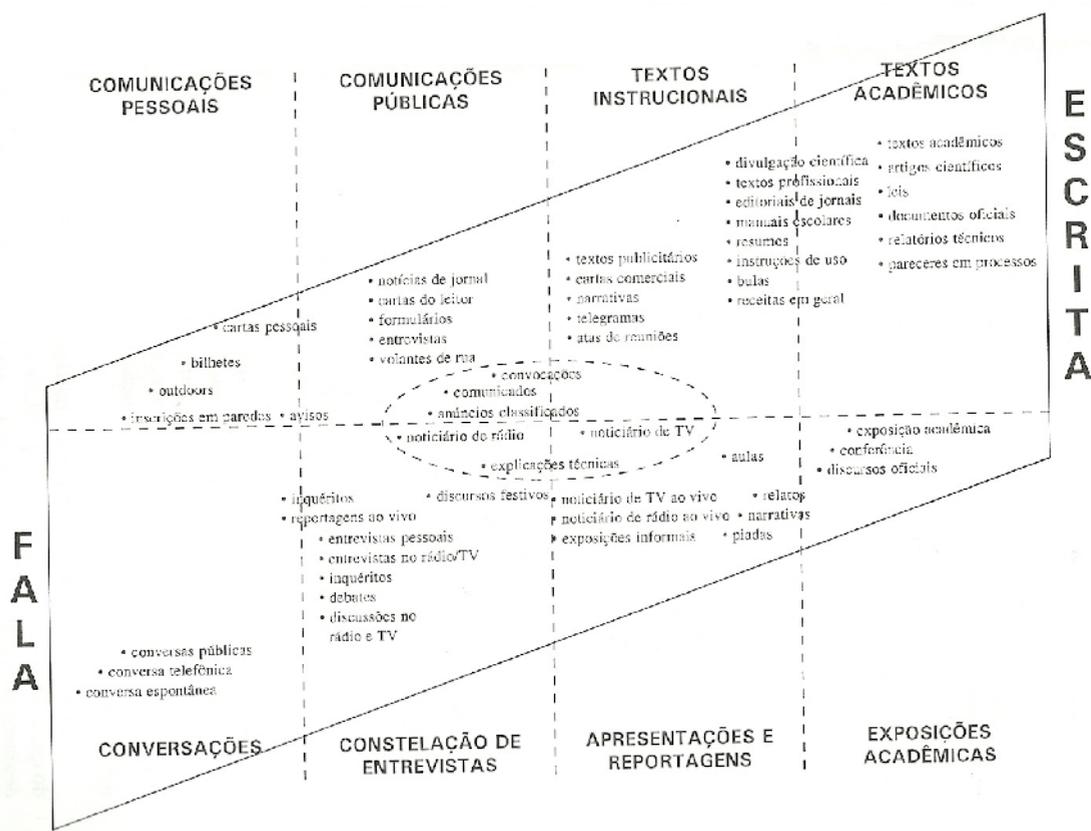
Portanto, cabe ao professor orientar os alunos para a adequação da expressão verbal na formulação do texto, o tipo de linguagem adequada a cada gênero textual, dependendo do ato comunicativo e da prática social a que se destina.

A fala e a escrita numa visão não dicotômica podem ser vistas sob o ponto de vista sócio-interacional, que pode ser traduzido da seguinte forma:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 2005, p.42)

No gráfico a seguir, temos uma representação dos gêneros textuais no contexto da fala e da escrita, onde são destacados os gêneros que são mistos por se concretizarem tanto no âmbito da fala como no da escrita. Esse tipo de mesclagem é muito comum, porém não é assunto muito discutido nos manuais de língua Portuguesa.

Gráfico 1: Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.



(MARCUSCHI, 2005, p.41)

A carta pessoal é uma narrativa oral, apesar de se inserirem em modalidades e práticas sociais diferentes (fala/escrita e oral/escrita), têm mais em comum no uso da língua do que os gêneros pertencentes à mesma modalidade, pois, mesmo escrita, uma carta familiar apresenta características da modalidade oral em sua forma escrita. No entanto, uma entrevista profissional e uma conversa com amigos, um bate-papo, que pertencem à mesma modalidade oral, apresentam uma linguagem completamente diferente porque, em uma entrevista profissional, utiliza-se a linguagem culta formal mais próxima à modalidade escrita. A prática social é diferente nas duas atividades, mesmo pertencendo à mesma modalidade. Portanto, cabe adequar a cada gênero o tipo de linguagem utilizada.

Tanto fala como escrita apresentam um *continuum* de variações, isto é, *a fala varia e a escrita varia*. Logo, essa comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas segundo Marcuschi, que afirma:

Certamente, o sucesso da análise dependerá também da concepção de língua que fundamentará a perspectiva teórica, bem como da ideia de funcionamento da língua. No presente caso, parte-se da noção de *funcionamento* da língua como fruto das *condições de produção*, melhor dizendo, da atividade de produtores/receptores de textos situados em contextos reais e submetidos a decisões que sugerem estratégias nem sempre dependentes apenas do que se convencionou chamar de *sistema linguístico*. Daí a necessidade de se adotar um componente funcional para analisar a relação fala *versus* escrita enquanto modalidade de uso. (MARCUSCHI, 2005, p. 42)

A língua pressupõe fenômeno heterogêneo, manifesta-se de muitas formas, é variável, dinâmica e mutável, é histórica e social pelo fato de ser prática social e histórica, indeterminada do ponto de vista semântico e sintático dependendo do modo de produção; e por fim, manifesta-se em situações de uso concretas como texto e discurso. Por isso, o uso da língua é que determina os sentidos e as formas de organização linguísticas, tanto da fala como na escrita dentro do texto.

4 LÍNGUA ORAL / ESCRITA E ENSINO

Qual o tratamento dado à língua oral pela escola?

À língua oral, quase não é dada a devida atenção e respeito pela maioria das escolas. A língua que é ensinada e valorizada no ambiente escolar é e sempre foi a língua escrita, por estar sempre no centro das atenções escolares, ocupando todas as aulas de linguagem. Justifica-se: se não for a escola, quem se encarregará de ensinar a língua escrita? Entretanto, a língua oral usada em ocasiões mais formais também deveria ser objeto de atenção. A escola é o ambiente social destinado para o ensino da língua padrão utilizada em nível formal pela sociedade letrada. Define-se Letramento como: “ o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as praticas sociais de interação oral.” (SOARES,1999 apud BAGNO, 2002)

Portanto, envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade. Pode começar desde uma apropriação mínima da escrita, exemplo disso, o indivíduo que é analfabeto, mas

sabe identificar o valor de dinheiro, identifica ônibus, consegue fazer cálculos simples, sabe escolher mercadorias pelas marcas, etc., no entanto, não sabe escrever uma carta, nem lê fluentemente.

A escrita, como manifestação formal do letramento, é considerada um bem cultural desejável, sinônimo de prestígio social entre as pessoas de uma sociedade. Tanto que a alfabetização é um processo destinado exclusivamente à escola pelo governo, que espera dessa instituição a formação de indivíduos que saibam se comunicar através da leitura e da escrita, desempenhando, assim, seu papel social.

A escolarização é, portanto, uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo, envolvendo projetos educacionais amplos. Dentro do processo formal que implica a escola, já se inclui o objetivo do letramento, juntamente com a atividade de leitura e escrita. Neves esclarece esse aspecto;

Nenhum pai, nenhuma família espera que a escola vá ensinar suas crianças a “falar”, pois elas já “falam” quando entram na escola, uma vez que, obviamente, o desempenho oral antecede o processo de educação formal. Estendendo as considerações para todo o entorno que cerca as reflexões sobre língua falada, ninguém espera que a escola constitua o espaço privilegiado da apreensão e da discussão da cultura popular, que é aquela que, por princípio, se veicula na comunicação oral, e isso decorre da consideração de escola, privilegiadamente, como o “templo” do letramento, a instituição absolutamente responsável por ele. (NEVES, 2009, p.87)

Cabe à escola ensinar plenamente o uso da língua materna, todas as modalidades, escrita e falada, padrão e não padrão, que devem ser valorizadas no ambiente escolar. Assim, todas as práticas discursivas devem ter espaço para serem desenvolvidas na escola, sendo destinado a ela preparar o aluno para produzir enunciados adequados, nas diversas situações de modalidade de uso.

5 A ESCRITA DE ALUNOS DO QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Essa atividade foi desenvolvida em sala de aula durante a aula de Português de uma quinta série do Ensino Fundamental, em uma escola pública da Grande Porto Alegre. Foi distribuída uma folha para cada aluno contendo uma história ilustrada em sequência. Primeiramente, fez-se a exploração oral das ações apresentadas em cada quadro; foram também identificados os elementos da narrativa: personagens, lugar, tempo, enredo, etc. Após, a história foi narrada oralmente pelos alunos e encenada pelos mesmos. Depois foi

solicitado aos alunos que escrevessem a narrativa. A seguir serão apresentados alguns textos mais significativos quanto ao uso da língua oral na escrita de textos.

Os textos abaixo foram reproduzidos conforme os originais:

Texto 1

O gato de olho no pinto

Eraumavez o gato tavade olho no pintinho E daí ele tava de bocaaberta loco de fome

Daí ele ataquo e dise

Pintinho não memata eutocomedo

Pai agora tu fai judiar de min e daí deu nele

E matou o gato (Gabriel)

Texto 2

O Quico

Era uma ves um gato quechama Quico. Os dono dele forão pacear na casa dos amigos deles desidiram levar o Quico disidiu pacear pelo pátio ele vio uma árvore de laranja ele foi La o Quico chegou no tronco da árvore o Quico viu o pintinho quecechama Chaves o Quico viu ele e pensou e ce pintinho eu vou comer ele o Quico pensou eu voume a prosimar dele o pintinho comesou a suar e ele comecei arir ele foi dar obote o pai dele chegou ele se asostei e vou tei prtras ele comesou a falar:

_Por que você queria comer o meu filho ele falou:

_Eu não quiria pegar o ceu filho ele falou

_Eu vi tu ceaprosimano do meu filho e o Quico comesou a miar e o galo comeso canta e o galo deu um corridão no gato. (Rodrigo)

Texto 3

O pinto e o gato

Era uma vez um pintinho amarelinho ele gostava muito de cisca.

Um dia ele estava ciscando e o gato estava opiservando eo gato voi e voi até que pegou no pintinho.

E o gato voi e acarrou o pintinho e o pintinho vigoupianto

_piupiu

_piupiu

E o gato voi pegu belo galo teu um pau no gato e o gato vigou critando.

_miau

_miau

_miau

E o gato vai para sua casa e vigou todo machugato e o pinto e o galo vigaram felizes para sempre. (Daniel)

Texto 4

O gato e o Galo

Era uma vez um gato chamado Zé Malandro ele estava andando ai já era meio-dia deu uma fome ele não achou comida daí ele ouviu um barulhinho ele avistou um pintinho so daí ele se escondeu atrás de uma árvore. Ai ele deu um pulo encima do pintinho ele ficou piando quando o pintinho piou o galo veio correndo e o gato estava estrangulando o pintinho o galo ficou com uma cara de medo aí o galo ficou com uma cara de bravo e o gato ficou com uma cara de medo aí o galo comesou a bater no gato plam, plam, plam.

Era o galo batendo no gato o gato minhau minhau minhau o galo ficou feliz e o pintinho o gato pediu desculpa o gato dise.

_Nunca mais vou enferinija o galinheiro

_Ta bom fiquemos amigos mas com um condição você não vai vir no galinheiro pode vir mas não come as galinhas, pinto, galos.(Ana Carolina)

5.1 Análise dos textos dos alunos

Com esta análise, pretende-se mostrar como a língua oral influencia no ato da escrita dos alunos que produzem seus textos espontaneamente, sem se preocuparem com regras e com o uso da língua padrão. Estes alunos associam a escrita das palavras, a quantidade de letras aos sons que produzem no ato da fala. Isso pode ser considerado errado do ponto de vista da língua escrita, mas, do ponto de vista fonético, não são errados porque a maioria dos alunos faz uma associação entre a quantidade de sons e a quantidade de letras das palavras, que nem sempre correspondem, pois as palavras podem ser escritas com mais ou menos letras do que a quantidade de fonemas que são produzidos no ato da fala.

Serão analisadas características da língua oral que apareceram nos textos pelos alunos. Todos os textos apresentam problemas de língua escrita, seja na sintaxe, seja na transcrição das palavras. Abaixo, segue um levantamento das principais ocorrências que exemplificam essas ocorrências:

- (1) a narrativa é desenvolvida em parágrafos extensos sem o uso devido da pontuação, o que dificulta a compreensão da ação narrada no texto. O aluno escreve o texto dessa forma por entender que a fala é contínua em seu ato;
- (2) as expressões *e*, *daí*, *aí*, são usadas constantemente, funcionando como elementos que fazem uma ligação dentro do texto, como nas narrativas orais;
- (3) as formas orais *ta*, *tava*, *to* e *vo*, que são respectivamente: *está*, *estava*, *estou* e *vou* representam bem a fala, pois é a forma de redução oral que ocorre em todas as línguas;
- (4) os alunos escrevem *i* em vez de *e* reduzindo a vogal átona como em *dissi* (disse), *disidi* (decidi);
- (5) e também o contrário, um aumento no tom da vogal: *ouvio* (ouviu), *vio* (viu); este fenômeno é chamado de hipercorreção;
- (6) não escrevem o dígrafo *lh*, antes de *i*, representam-no pelo *l*: *barulhino* (barulhinho), como ocorre na fala;
- (7) o dígrafo *rr* também não é escrito com os dois erres: *coridão* (corridão);
- (8) os alunos ignoram a substituição de palavras para um mesmo referente. Por isso repetem *gato*, *pinto*, *Quico*, inúmeras vezes dentro da mesma frase;
- (9) alguns alunos juntam as palavras na escrita, pois na fala não existe a separação de palavras a não ser quando marcada pela entonação do falante. Verifica-se em:

encima (em cima)
memata (me mata)
semete (se mete)
quechama (que chama)
quesechama (que se chama)
eutocommedo (eu estou com medo)
arir (a rir)
measostei (me assustei)
ceaprosimano (se aproximando)
pratrais (para trás);

(10) também pode ocorrer o contrário, palavras em que os alunos separam letras:
a proximai (aproximar);

(11) apresentam erros de troca, supressão e acréscimo de letras. O que é entendido na escola como um problema grave, geralmente troca de surda/sonora. Às vezes o problema é tão grave que o aluno precisa ser encaminhado a um fonoaudiólogo:

_ Troca o d pelo t:

ciscanto (ciscando)

teu (deu)

machugato (machucado)

_ Troca o p pelo b:

belo (pelo)

_ Troca o f pelo v:

vigou (ficou)

voi (foi)

vigaram (ficaram)

voi e voi (foi e foi)

_ Troca o g pelo c:

critando (gritando)

acarrou (agarrou)

_ Várias trocas na mesma palavra:

vigoupianto (ficou piando), troca o f pelo v, o c pelo g e o d pelo t
opiservanto (observando), troca a consoante muda b pelo pi; troca d pelo t.
vigou (ficou), troca f por v e c por g

Observação: Trocas de letras para representar o mesmo fonema (ss, x, sc, c, ç, xc; s) ou ausência de acentuação não foram consideradas.

6 ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA DIMINUIR O PROBLEMA

As atividades com a língua oral se fazem presentes em todos os momentos e, principalmente em situações de leitura e escrita. A oralidade pode ser desenvolvida em todas as disciplinas.

O professor pode oportunizar aos alunos em suas aulas atividades como:

- _ Trava-línguas;
- _ Contação de causos e piadas;
- _ Entrevistas com pessoas da escola ou membros da comunidade;
- _ Debates;
- _ Encenações de histórias e textos lidos;
- _ Teatro;
- _ Histórias em quadrinho
- _ Programas de rádio, telejornais, discursos variados;
- _ Leitura de obras de arte;
- _ Trabalho com os mais variados gêneros textuais: carta, bilhete, reportagens, fábulas, etc;

_ Receitas culinárias que podem ser feitas em aula como em um programa de televisão

Todas essas atividades podem ser associadas à escrita porque deve haver um planejamento prévio, uma organização dessas por parte dos alunos que perceberão, com o auxílio do professor, que para cada atividade há um modo de se usar a língua com características e peculiaridades de cada atividade social.

Nos livros didáticos já encontramos seções em que a Produção oral é desenvolvida como enquete, pesquisa de campo, entrevista, seminário, artigo de opinião, são encontradas no livro didático: *Língua Portuguesa 5º ano* da coleção *Aprendendo Sempre*.

No livro didático *L.E.R. Leitura, escrita e reflexão 5º ano*, as atividades de produção oral e escrita são desenvolvidas juntas. Na seção Produção de textos, o livro apresenta apenas uma seção específica intitulada *Produção de texto oral*.

Já no livro *De olho no futuro 5º ano* é onde se encontra uma maior quantidade de atividades, apenas as unidades 1 e 9 não apresentam uma seção de Produção oral, como criação de textos com expressões populares, declamação de cordel, enquete, admirando obras de arte, defesa de opinião, resumo de livro, entrevista, contação de história e palestra.

O professor pode reescrever textos escritos pelos alunos (escolher de outra turma). Coloca o texto no quadro e, no grande grupo, vai substituindo a variante oral pela escrita. Deve fazer isso várias vezes.

Com o tempo, quando os alunos já estão mais seguros, solicitar que reescrevam seus textos em duplas e mais adiante individualmente, sempre buscando a adequação à variedade lingüística exigida pelo gênero (antes devem ser feitas leituras de vários gêneros, destacando-se a variedade utilizada).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à escola, o aluno já domina algumas variedades da fala desenvolvidas em seu meio familiar e social. Cabe à escola proporcionar-lhe atividades que desenvolvam habilidades de uso da modalidade oral nas mais variadas situações, valorizando todas as variedades de usos da língua. Ao se trabalhar as noções de gíria, dialeto, sotaque, padrão e outras, o aluno compreenderá que a língua não é homogênea e sim heterogênea.

O aluno deverá, também, ser orientado a visar a língua escrita adequadamente. Ele deve aprender que a língua escrita possui regras mais rígidas de estruturação, sintaxe e concordância, escolha vocabular e um padrão ortográfico determinado. Entretanto, essa rigidez do uso da língua possui graus maiores ou menores, dependendo do gênero em que estiver presente, não importando se o texto for oral ou escrito.

Por isso, o professor deve propiciar em suas aulas atividades que levem o aluno a se expressar e a respeitar os diferentes falares existentes em uma sala de aula, respeitando a individualidade de cada um. Saber utilizar a língua nas diferentes situações de uso ajuda no processo de aquisição da linguagem em suas variadas formas e para o sucesso dos indivíduos na sua busca futura por um melhor espaço na sociedade.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita?. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (ORGs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BASSI, Cristina; LEITE, Márcia. *L.R.E. Leitura, escrita e reflexão*. 5º ano. São Paulo: FTD, 2008.- (Coleção L.E.R.)

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. São Paulo: Scipione, 2009.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MIRANDA, Cláudia; RODRIGUES, Vera Lúcia. *Língua Portuguesa 5º ano*. São Paulo: ÁTICA, 2008.- (Coleção Aprendendo Sempre)

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?*. 3.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

PASSEGI, Luis (ORG.). *Abordagens em lingüística aplicada*. Natal: Editora da UFRN, 1998.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (ORGs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

SOUZA, Cássia Garcia de; MAZZIO, Lúcia Perez. *De olho no Futuro- Língua Portuguesa 5º ano*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2008.- (Coleção de olho no Futuro)